

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS
CÁTEDRA ALFREDO BOSI DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Universidade e Educação Básica

Ensaio Bosianos

Organizadores

Naomar de Almeida Filho
Nilson José Machado
Lino de Macedo
Luis Carlos de Menezes
Bernardete A. Gatti

São Paulo
2024



Instituto de
Estudos
Avançados da
Universidade de
São Paulo



CAPÍTULO 4

Em Educação, não é Possível Saber Tudo, mas é Necessário Conhecer o Fundamental

Nilson José Machado

Três narrativas inspiradoras

No universo literário, personagens do tipo “Doutor Sabe Tudo” têm sido tratados como caricatura, com ironia ou escárnio. Em *A Náusea*, Sartre (2000) nos apresenta um personagem sem nome, nomeado apenas como “o autodidata”, que valoriza de tal modo o conhecimento que decide estudar e conhecer tudo – pelo menos todo o conhecimento que já foi publicado. Para isso, prefigura uma estratégia insólita: começará lendo todos os livros cujo título começa com a letra A, depois lerá os livros com título começando com a letra B, e assim por diante, até percorrer todo o alfabeto. Corroborando o fato de que o inferno está cheio de bem-intencionados, a empreitada do autodidata não será bem-sucedida: uma vida não será suficiente para o entusiasmado estudioso atingir sua meta.

Outro recado a respeito de tal problemática pode ser extraído do conto curto e incisivo de Jorge Luís Borges, intitulado *Funes, o memorioso*. Nele, Borges (1997) relata a vida de um personagem que sofre um acidente, bate

a cabeça e, em consequência, perde a capacidade de esquecer. A partir daí, tudo o que ouve ou vê guarda na memória, assimilando todos os pormenores. Paulatinamente, a sobrecarga da memória conduz a certa dificuldade em fazer escolhas, e como pensar é fazer escolhas, começa a sentir dificuldade para pensar. Um pouco mais adiante, Funes vai se sentindo empanzinado, lotado, com dificuldades de ação. Um pouco mais de insumo cognitivo e ele vai se tornando incapaz de agir. Daí à inevitável paralisia é um passo.

Uma terceira narrativa sobre a possibilidade ou impossibilidade de conhecer tudo sobre qualquer tema é da lavra do filósofo renascentista Nicolau de Cusa. Em seu seminal *A Doutra Ignorância*, Cusa propõe uma imagem inspiradora para uma compreensão dos limites do conhecimento. Vamos imaginar que tudo o que conhecemos sobre dado tema situa-se no espaço delimitado pelas palmas das minhas mãos. A superfície externa das mãos separa o que sei (espaço interno) do que não sei (espaço externo). Assim, quanto menos sei, menor é o espaço delimitado pelas minhas mãos, menor é o contato com o desconhecido, e menos sei o quanto não sei. Por outro lado, quanto mais eu sei, mais aumenta o volume delimitado pelas minhas mãos, e, conseqüentemente, mais aumenta o contato com o espaço externo, com o que não sei. Quer dizer, quanto mais eu sei, mais eu sei o quanto não sei, ou seja, mais aumenta a consciência de quanto ignoro. Essa ignorância de quem muito sabe, e, justamente por isso, sabe bem o quanto não sabe, é a “douta ignorância”, que dá título ao livro de Cusa.

Voltemos agora ao início. Parece claro que não é possível aprender “tudo”, nem ensinar, “tudo”, qualquer que seja o tema ou o contexto. O autodidata de Sartre ficaria desconcertado ao saber que, no mundo de hoje, são publicados entre 2 e 3 milhões de títulos por ano. O memorioso borgiano se assustaria ao lidar com as enormes massas de *bytes* de informação, dobrando de volume em períodos cada vez mais curtos de tempo. E o argumento cusano parece definitivo: nossa aspiração mais realista seria compreender e desfrutar de nossa “douta ignorância”. No mundo real, então, que fazer?

Saber “tudo”: impossível e desnecessário

A situação não é tão dramática quanto pode parecer a uma ignorância pouco doura. Não é possível saber “tudo”, mas, sobretudo, não é necessário a ninguém tentar carregar tal fardo. Não faz sentido sentir-se em falta com a leitura de milhares de livros que são publicados no mundo enquanto escrevemos este texto. A questão de fundo é: o que quero? O que busco? Qual o meu projeto? Ler tudo o que me interessa ainda é muito. É necessário ir além disso, e é aí que se encaixa o tema das ideias fundamentais. Conhecer o fundamental dos temas que nos interessam é necessário; o complemento ou o aprofundamento poderão vir, a partir da consciência do interesse despertado. O conhecimento das ideias fundamentais do tema é o que garante tal autonomia. A aparência de que temos que estudar cada vez mais conteúdo é apenas parcialmente verdadeira. Uma visão demasiadamente fragmentada do conhecimento costuma eivar as disciplinas e os currículos.

Ainda que a realidade não se organize em disciplinas, os currículos escolares assim o fazem. Ao observá-los, é possível notar uma reiterada fragmentação dos conteúdos, o que amplifica a sensação de que há sempre cada vez mais a ser aprendido. Especialmente na escola básica, sobretudo nos livros didáticos do Ensino Médio, muitos pormenores que não são fundamentais extrapolam os limites de uma formação básica, fundamental. Não se elabora suficientemente a distinção entre o que é realmente fundamental e os complementos e/ou aprofundamentos.

Na formação para o exercício da cidadania, as ideias fundamentais precisam ser apresentadas a todos; já os complementos / aprofundamentos devem estar abertos aos especialmente interessados, em razão de interesses pessoais, sendo explorados em disciplinas optativas ou em diferentes itinerários formativos. Reiteramos que, quem aprende as ideias fundamentais de uma disciplina, a qualquer momento que desejar complementar ou aprofundar os conhecimentos, tem o caminho livre. O conhecimento dos fundamentos gera, como já foi dito, autonomia. Um conhecimento fragmentado, no entanto, apenas alimenta a dependência; na melhor das hipóteses, queremos que nos mostrem mais e mais conteúdos, sem que sejamos capazes de buscar com autonomia. Numa situação em que o tempo é um recurso escasso, a manutenção do foco das atenções nas ideias fundamentais é vital para um

planejamento consistente. A tarefa crucial, portanto, que objetivamente se coloca é a da construção de um critério para o reconhecimento, em qualquer tema a ser estudado, das ideias fundamentais envolvidas.

Ideias Fundamentais: Um Critério

O filósofo Isaiah Berlin, em seu livro *A Força das Ideias*, contribui com alguns *insights* interessantes, ao refletir sobre o tema. Ainda que não se fixe na expressão “ideias fundamentais”, o título de seu livro refere-se tacitamente a ideias, derivando para as ideias principais, as ideias mestras, ou outro qualificativo similar. O recado principal de Berlin (2005) é que o caminho para a integração disciplinar não deveria se fundar na tentativa de fazer com que físicos estudassem linguística, matemáticos se dedicassem à química, historiadores estudassem biologia, e assim por diante. O caminho seria, segundo Berlin, que, cada um em sua disciplina, trabalhasse com foco nas ideias fundamentais: justamente por serem fundadoras, tais ideias operam na base do conhecimento disciplinar. As ideias fundamentais da matemática, por exemplo, comunicam-se com as da física, as da história, as da língua, as da arte etc.; e assim por diante. Para uma articulação eficaz entre as disciplinas, preparando o terreno para trabalhos interdisciplinares ou transdisciplinares, as ideias consideradas fundamentais, em cada tema, não podem ser apresentadas como se constituíssem um conjunto, mas sim como se compusessem um elenco de uma peça, de um filme, de time de futebol: cada uma das ideias do elenco deve ter uma função própria, deve representar um papel.

A partir de tal perspectiva, é possível propor um critério para discernir as ideias fundamentais, que devem ser apresentadas a todos, dos complementos ou dos aprofundamentos temáticos, associados a escolhas pessoais. São três as exigências que devem ser naturalmente satisfeitas para caracterizar uma ideia fundamental de um determinado tema:

I – Deve ser possível explicar o significado de uma ideia fundamental recorrendo-se apenas à linguagem ordinária; se, para explicar tal significado, for necessário recorrer a uma linguagem técnica, de especialistas, então tal ideia não é fundamental.

II – Uma ideia fundamental nunca é isolada; ao examinar seu significado, uma gama de temas correlacionados encontra-se presente, revelando uma articulação fecunda entre tais temas, que integram a disciplina em exame.

III – Uma ideia fundamental nunca se esgota dentro dos limites da disciplina em que surge; ela nasce em uma disciplina, mas, devidamente explorada, sempre transborda as fronteiras originais, promovendo uma saudável articulação interdisciplinar.

Resumindo, ao explorar qualquer conteúdo, para reconhecer se uma ideia é fundamental ou não, é preciso verificar se o significado da ideia pode ser explicado na linguagem ordinária, é necessário conferir se não se trata de uma ideia isolada, e é importante perceber a fecundidade da articulação promovida entre as diversas disciplinas curriculares.

Levantada a bandeira das ideias fundamentais, vamos à luta!

Referências

- BERLIN, Isaiah. *A Força das Ideias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Globo, 1997.
- CUSA, Nicolau de. *A Doute Ignorância*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2002.
- SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. 10 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.